

FEVEREIRO | 2025 | ED. 06

 **FGV IBRE**

*CENTRO DE ESTUDOS  
PARA O DESENVOLVIMENTO  
DO NORDESTE*

# BOLETIM MACRO REGIONAL

NORDESTE

## O Perfil dos Trabalhadores por “Conta Própria”

Após a pandemia, a participação dos trabalhadores por conta própria diminuiu no Nordeste.



# Índice

<b>Atividade Econômica .....</b>	<b>4</b>
<b>Atividade Setorial – Indústria.....</b>	<b>6</b>
<b>Atividade Setorial – Serviços e Comércio.....</b>	<b>8</b>
<b>Mercado de Trabalho .....</b>	<b>11</b>
<b>Inflação.....</b>	<b>15</b>
<b>Comércio Exterior .....</b>	<b>17</b>
<b>Finanças Públicas .....</b>	<b>19</b>
<b>Evolução Recente e Perfil dos Ocupados por Conta Própria no Nordeste.....</b>	<b>22</b>



# Editorial

O Boletim Macro Regional desta edição apresenta, na seção de mercado de trabalho, informações, atualizadas até o terceiro trimestre de 2024, sobre população ocupada e taxa de informalidade, duas questões muito relevantes para a região Nordeste, com impactos econômicos e sociais. No caso da primeira, verificou-se que, no terceiro trimestre de 2024, chegou a um patamar de 23,4 milhões de ocupados, representando um valor 2,5% maior que no trimestre anterior e 4% superior a igual período do ano de 2023. O indicador do nível de ocupação atingiu o maior percentual desde o último trimestre de 2015. Já a taxa de informalidade permanece em patamar elevado, atingindo 51,2% no terceiro trimestre de 2024, com aumento de 0,8 ponto percentual (p.p.) em relação ao trimestre anterior. Já na comparação com o terceiro trimestre de 2023, apresentou redução de 0,6 p.p.

Em termos ainda de ocupação, segundo os dados do CAGED, o saldo de empregos formais da região Nordeste em dezembro/2024 foi negativo, com perda de 53,9 mil postos de trabalho. Apesar da queda em dezembro, no acumulado no ano o saldo foi positivo, com mais de 330 mil empregos gerados. No entanto, será importante observar a evolução desses empregos gerados nos próximos meses para verificar algum possível movimento de desaquecimento do mercado de trabalho em 2025.

A seção de finanças públicas traz um olhar sobre a Lei Complementar nº212/2025, que institui o Programa de Pleno Pagamento de Dívidas dos Estados (PROPAG). Analisando a razão entre a dívida consolidada líquida (DCL) e a receita corrente líquida do estado (RCL), sendo a principal medida que caracteriza o grau de endividamento dos Estados, observa-se que, diante da relativa boa condição fiscal da região, essa Lei não veio para favorecer os estados nordestinos ou mesmo a grande maioria dos estados do Brasil, com algumas exceções: principalmente, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, os mais endividados.

Em relação à atividade econômica, o Nordeste apresentou crescimento em novembro/24, em relação ao mês anterior, de 0,4%, superando o desempenho nacional, que foi de 0,1%. A região apresentou também um avanço expressivo de 4,6% em novembro/2024 na comparação interanual, fato que aconteceu em todas as regiões do Brasil. Na análise setorial, houve queda generalizada dos serviços e



comércio na margem em novembro/2024, mas em alguns estados do Nordeste ocorreu elevação substancial na comparação interanual. Já a indústria da região, ao se observar os indicadores acumulados até novembro/2024, segue apresentando um crescimento inferior à média nacional.

Quanto à inflação, entre as cinco capitais nordestinas pesquisadas pelo IBGE, Salvador apresentou a maior variação mensal em dezembro/2024, com 0,89%, e Recife a menor, com 0,34%, sendo inclusive a única das cinco que teve variação inferior à média nacional. Em termos de IPCA para o ano de 2024, o grupo alimentação foi o que mais impactou esse índice nas capitais nordestinas, seguido por transportes e despesas pessoais.

No comércio exterior, os dados consolidados de 2024 mostram déficit acumulado de US\$ 3,8 bilhões, representando piora expressiva em relação ao déficit de US\$ 1,9 bilhão registrado em 2023. Na comparação 2023/2024, as importações aumentaram 6,6%, e as exportações tiveram pequena redução de 0,2%. Os setores de indústria de transformação e extrativismo tiveram em 2024, respectivamente, déficits de US\$ 7,2 bilhões e US\$ 3,8 bilhões. Já o setor agropecuário se destacou com superávit de US\$ 7,2 bilhões, devido principalmente à exportação de soja, que representou 67% das vendas do setor, sendo a China o maior comprador, com pouco mais da metade de toda a soja exportada.

Por fim, o “Nordeste em Foco” traz uma discussão relevante e atual sobre a evolução recente e o perfil dos ocupados por conta própria no Nordeste. O texto traz várias evidências e, apesar da queda na participação ao longo dos anos, a região ainda tinha um contingente significativo de trabalhadores autônomos na sua população ocupada (26,9%) ao final do segundo trimestre de 2023. As características demográficas desse público, bem como a diferença de rendimento mensal médio entre os trabalhadores autônomos formais e informais também são destacadas ao longo do texto, que finaliza tratando de questões como formalização e a resposta do trabalho por conta própria às oscilações conjunturais.

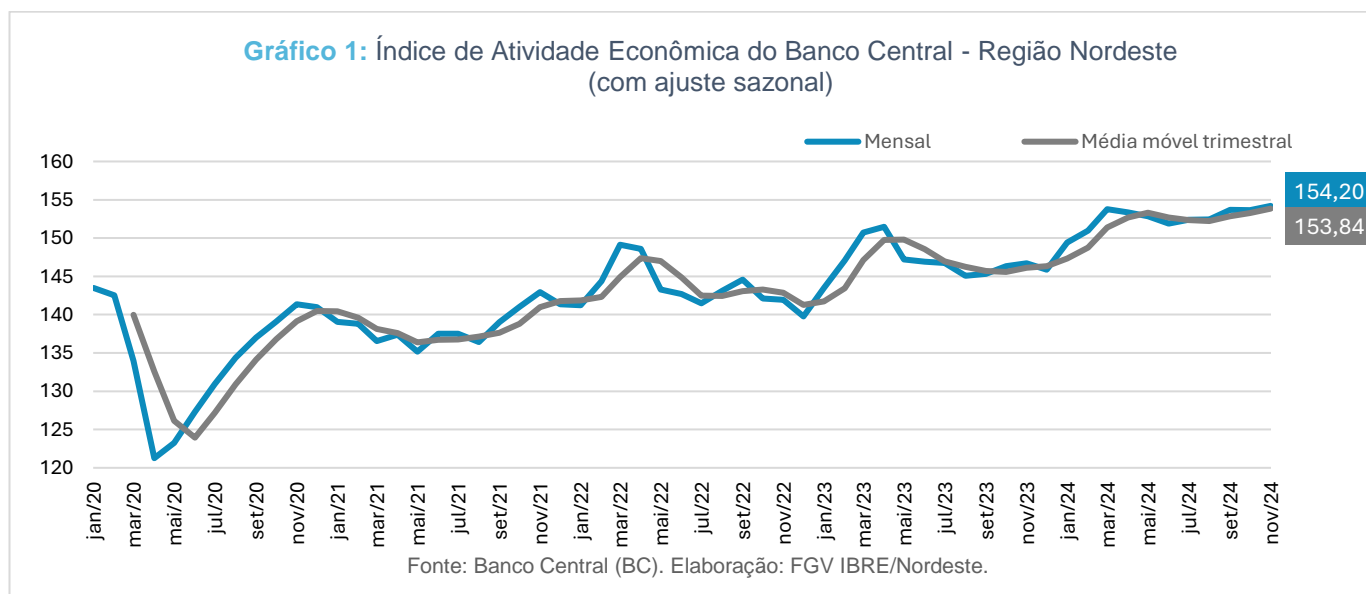


## Atividade Econômica

Até novembro, a atividade econômica da Região Nordeste cresceu 4,0%, acima da média do Brasil

Em novembro de 2024, a atividade econômica do Brasil seguiu em crescimento, registrando alta de 0,1% no Índice de Atividade Econômica com ajuste sazonal, segundo dados do Banco Central. No trimestre móvel encerrado em novembro, o avanço foi de 0,9%, demonstrando um ritmo positivo de recuperação no cenário nacional.

No Nordeste, o desempenho mensal superou a média nacional, com crescimento de 0,4%, impulsionado pelo desempenho positivo das maiores economias da região, Pernambuco (+1,3%), Ceará (+0,3%) e Bahia (+0,2%). No acumulado trimestral, a região cresceu 1,1%, mas com desempenhos mistos entre os estados: enquanto o Ceará avançou 0,7%, Bahia (-0,8%) e Pernambuco (-0,6%) registraram quedas, indicando desafios na atividade econômica em alguns setores. O Nordeste apresentou resultado positivo em novembro/2024, acompanhando o desempenho favorável do Centro-Oeste (+0,7%) e do Norte (+0,3%). Em contrapartida, o Sudeste (-0,4%) e o Sul (-0,5%) registraram retração no mês.



**Tabela 1:** Variações percentuais do IBC-R Dessazonalizado – novembro/2024

UF	Mês <sup>(1)</sup>	Trimestre <sup>(2)</sup>
Bahia	▲ 0,2	▼ 0,8
Ceará	▲ 0,3	▲ 0,7
Pernambuco	▲ 1,3	▼ 0,6
<b>Nordeste</b>	<b>▲ 0,4</b>	<b>▲ 1,1</b>
<b>Brasil</b>	<b>▲ 0,1</b>	<b>▲ 0,9</b>

Fonte: Banco Central. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste. Notas: (1) variação do mês em relação ao mês imediatamente anterior. (2) variação no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior.



Na análise estadual, o Ceará manteve-se no campo positivo, enquanto Bahia e Pernambuco registraram retrações no desempenho trimestral, refletindo desafios no curto prazo. Pernambuco, que havia enfrentado um cenário mais desafiador em outubro, com queda expressiva, destacou-se em novembro com o maior crescimento mensal da região (+1,3%). Esse avanço foi impulsionado principalmente pela base de comparação e pela recuperação da produção industrial.

O Nordeste apresentou avanço expressivo de 4,6% em novembro/2024 na comparação interanual, fato que aconteceu em todas as regiões do Brasil. No acumulado do trimestre, a região registrou alta de 5,1%, menor que a média nacional de 5,5%, e no acumulado do ano e nos últimos 12 meses os crescimentos foram de 4,0% e 3,9%, respectivamente. Um ponto importante é que em relação ao acumulado do ano, o Nordeste está atrás da Região Norte (+4,8%) e Sul (+4,1%).

Na análise estadual, Pernambuco apresentou forte desempenho, com avanços de 6,3% no mês, 5,8% no trimestre e 4,7% no ano, demonstrando recuperação mais consistente. O Ceará manteve crescimento sólido, registrando alta de 5,6% no mês, 6,1% no trimestre e 5,9% no ano, consolidando-se como um dos estados que mais crescem no Brasil em 2024. Já a Bahia, embora com crescimento mais moderado, avançou 2,2% no mês, 3,7% no trimestre e 2,9% no acumulado do ano, sinalizando um ritmo de expansão mais estável.

As projeções para a economia do Nordeste seguem favoráveis no curto e médio prazo, impulsionadas pelo bom desempenho do setor de serviços e pelo aumento do consumo, sustentado pela recuperação do emprego e da renda. No entanto, a manutenção de juros elevados, como é esperado, pode representar um entrave para a dinâmica de crescimento da região.

**Tabela 2:** Variações percentuais do IBC-R – novembro/2024

UF	Mês <sup>(1)</sup>	Trimestre <sup>(2)</sup>	Ano <sup>(3)</sup>	Últimos 12 meses <sup>(4)</sup>
Bahia	▲ 2,2	▲ 3,7	▲ 2,9	▲ 2,9
Ceará	▲ 5,6	▲ 6,1	▲ 5,9	▲ 5,6
Pernambuco	▲ 6,3	▲ 5,8	▲ 4,7	▲ 4,7
<b>Nordeste</b>	<b>▲ 4,6</b>	<b>▲ 5,1</b>	<b>▲ 4,0</b>	<b>▲ 3,9</b>
<b>Brasil</b>	<b>▲ 4,1</b>	<b>▲ 5,5</b>	<b>▲ 3,8</b>	<b>▲ 3,6</b>

Fonte: Banco Central. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste. Notas: (1) variação do mês em relação ao mesmo mês do ano anterior. (2) variação no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. (3) variação no ano até o mês-base. (4) variação dos últimos 12 meses em relação aos mesmos meses do ano anterior.



## Atividade Setorial – Indústria

*Indústria extrativa do Nordeste recua -9,5% em novembro/2024 na comparação anual e -9,2% no acumulado do ano*

A indústria da Região Nordeste manteve a estabilidade em novembro/2024, com variação mensal de 0,0%, conforme os dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do IBGE. Já a produção nacional recuou 0,6% frente a outubro/2024, permanecendo no campo negativo. Na comparação com novembro/2023, o Nordeste registrou crescimento expressivo de 4,7%, superando a média nacional, que avançou 1,7%. Entre os setores, a indústria de transformação nordestina cresceu 5,3% em relação ao mesmo mês do ano passado, desempenho superior ao avanço da transformação brasileira, que foi de 2,9%. Por outro lado, a indústria extrativa no Nordeste caiu 9,5% na mesma base de comparação, apresentando um desempenho mais desfavorável do que o observado na média nacional, em que a retração foi de 4,4%.

**Tabela 1:** Desempenho da Indústria Geral – novembro/2024

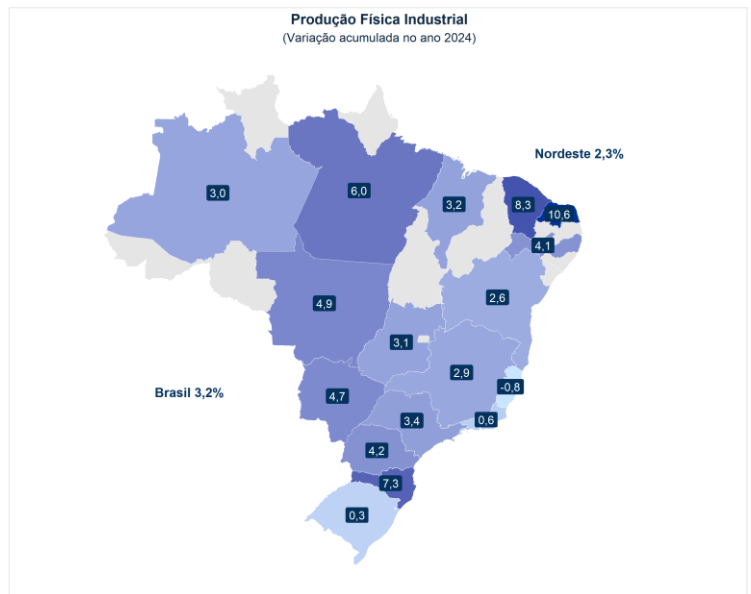
UF	Var. Mensal <sup>(1)</sup>	Var. Mesmo mês <sup>(2)</sup>	Var. acum. ano	Var. acum. 12 meses
BA	▼ 0,6	▼ 1,2	▲ 2,6	▲ 2,7
CE	▼ 1,1	▲ 5,2	▲ 8,3	▲ 8,1
MA	-	▼ 4,8	▲ 3,2	▲ 2,7
PE	▲ 2,6	▲ 15,1	▲ 4,1	▲ 5,0
RN	-	▲ 10,3	▲ 10,6	▲ 11,8
<b>NE</b>	<b>0,0</b>	<b>▲ 4,7</b>	<b>▲ 2,3</b>	<b>▲ 2,3</b>
<b>BR</b>	<b>▼ 0,6</b>	<b>▲ 1,7</b>	<b>▲ 3,2</b>	<b>▲ 3,0</b>

Fonte: PIM-PF-IBGE. Elaboração: FGV/IBRE nordeste. Notas: (1): variação em relação ao mês anterior com ajuste sazonal. (2) variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Em novembro/2024, no desempenho industrial dos estados nordestinos, Pernambuco se destacou com alta de 2,6% na variação mensal. Na comparação com novembro/2023, o estado também registrou expressivo crescimento de 15,1%, impulsionado por avanços na fabricação de produtos químicos (+16,8%), petróleo e biocombustíveis (+49,8%), além de fabricação de veículos (+24,1%). O Rio Grande do Norte manteve um ritmo positivo, com crescimento de 10,3% em relação ao mesmo mês do ano anterior, reflexo do dinamismo nos setores de petróleo e biocombustíveis e alimentos. Já o Ceará avançou 5,2% nessa mesma base (comparação em relação a 2023), embora tenha registrado retração de 1,1% na passagem mensal. Por outro lado, a Bahia apresentou queda de 0,6% no mês e de -1,2% em relação a novembro/2023, esta última impactada pela queda de 15,5% na indústria extrativa. Os resultados para o Maranhão também foram negativos, com queda de 4,8% na comparação interanual.

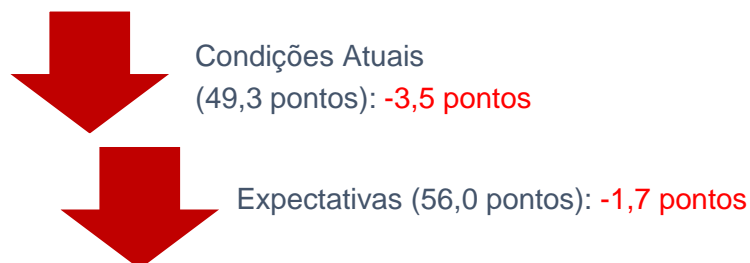


Ao observar os indicadores acumulados até novembro/2024, a indústria do Nordeste segue apresentando crescimento inferior à média nacional. No setor de indústrias de transformação, a região avançou 2,8%, desempenho mais modesto quando comparado ao crescimento de 3,5% registrado no Brasil. Já a indústria extrativa no Nordeste enfrenta maiores desafios, com queda expressiva de 9,2%, enquanto, no âmbito nacional, o segmento apresentou uma leve alta de 0,7%.



No ranking de crescimento do acumulado do ano até novembro/2024, o Rio Grande do Norte lidera nacionalmente, com alta de 10,6%. O Ceará segue como destaque regional, acumulando crescimento de 8,3%. Os demais estados pesquisados, Pernambuco (+4,1%), Maranhão (+3,2%) e Bahia (+2,6%), também registraram desempenhos positivos, em que apenas a Bahia está abaixo da média nacional. Enquanto isso, o Rio Grande do Sul, apesar de entrar no campo positivo, continua sentindo os impactos da tragédia climática ocorrida no início do ano. Já o Espírito Santo foi o único estado pesquisado em que a indústria acumula queda em 2024.

A confiança dos empresários industriais no Nordeste, medida pela CNI, voltou a cair em dezembro/2024, entrando no campo negativo (abaixo de 50 pontos), embora ainda próximo da estabilidade. A continuidade do ciclo de aperto monetário esperado para 2025, em estimativas do Boletim Focus de janeiro/2025, já aponta uma SELIC de 15% a.a.. Esse ciclo de alta dos juros, somado à recente desvalorização acentuada do real, muito relacionada às incertezas macroeconômicas, tem afetado diretamente as expectativas dos empresários da indústria.



Fonte: CNI. Elaboração: FGV/IBRE Nordeste.





## Atividade Setorial – Serviços e Comércio

*Em linha com a média do Brasil, houve queda generalizada dos serviços e comércio na margem em novembro/2024, mas um aumento substancial, em alguns estados do Nordeste, na comparação interanual.*

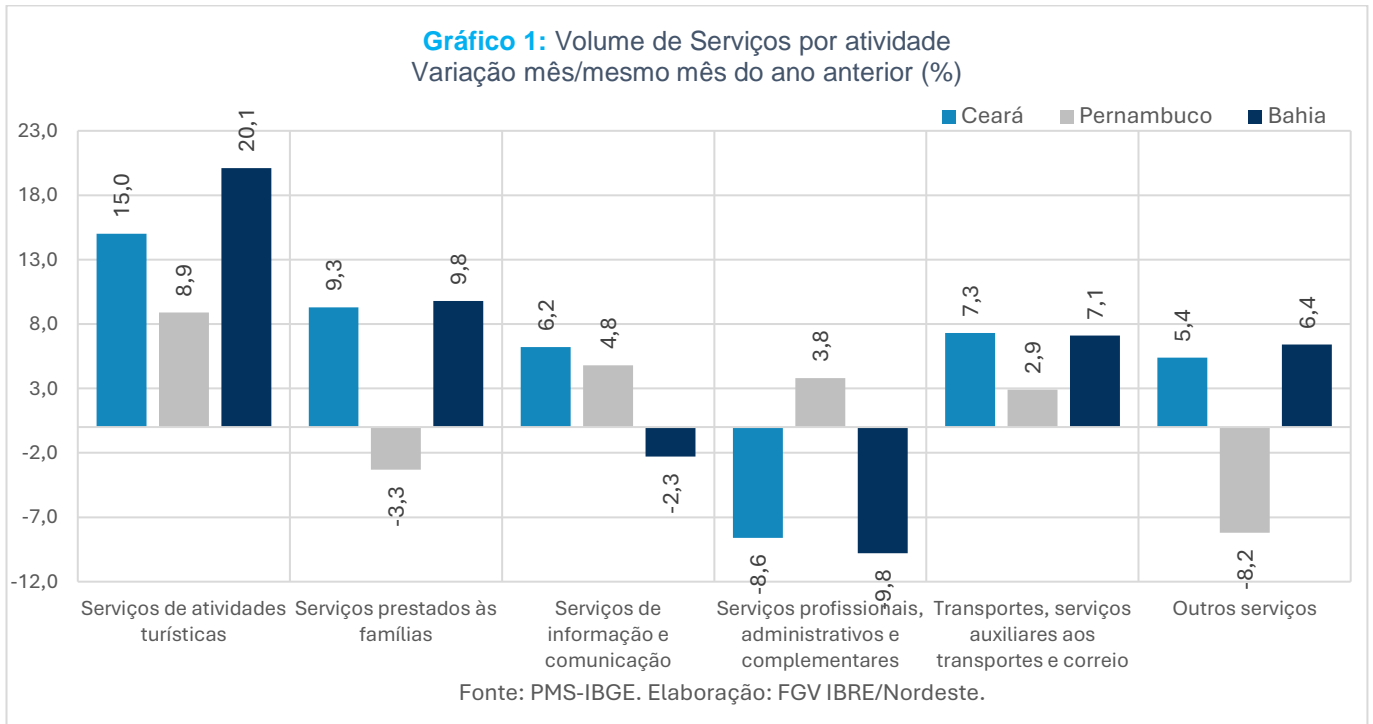
Em novembro/2024, o volume de serviços apresentou retração na maior parte dos estados nordestinos, em linha com a média brasileira, conforme os dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE. Alagoas foi a única exceção, registrando alta de 4,2% na comparação com outubro, mês imediatamente anterior. Estados como Pernambuco e Paraíba, que haviam mostrado crescimento em outubro, tiveram quedas expressivas de 3,7% e 2,9%, respectivamente, muito pela base de comparação na margem. O Rio Grande do Norte, que liderou o crescimento em outubro, também apresentou retração em novembro, com queda de 1,5%. Piauí e Sergipe, embora tenham registrado recuos mensais, mantêm-se como destaques na região, com crescimentos expressivos nas comparações anuais e acumuladas. Em contrapartida, estados como o Ceará e a Bahia apresentaram resultados mais modestos no acumulado do ano, com variações de +1,0% e +1,4%, ambas abaixo da média nacional de +3,2%.

**Tabela 1:** Desempenho do Volume de Serviços – novembro/2024

UF	Var. Mensal <sup>(1)</sup>	Var. Mesmo mês <sup>(2)</sup>	Var. acum. ano	Var. 12 meses
AL	▲ 4,2	▲ 11,9	▲ 1,4	▲ 1,2
BA	▼ 1,5	▲ 1,7	▲ 1,4	▲ 1,7
CE	▼ 1,5	▲ 1,8	▲ 1,0	▲ 0,7
MA	▼ 0,2	▲ 5,6	▲ 2,5	▲ 2,1
PB	▼ 2,9	▲ 9,8	▲ 4,8	▲ 4,2
PE	▼ 3,7	▲ 2,1	▲ 3,9	▲ 3,3
PI	▼ 0,8	▲ 18,1	▲ 7,6	▲ 7,6
RN	▼ 1,5	▲ 14,3	▲ 4,1	▲ 4,1
SE	▼ 2,4	▲ 11,9	▲ 7,5	▲ 7,9
<b>BR</b>	<b>▼ 0,9</b>	<b>▲ 2,9</b>	<b>▲ 3,2</b>	<b>▲ 2,9</b>

Fonte: PMS-IBGE. Elaboração: FGV/IBRE Nordeste. Notas: (1): variação em relação ao mês anterior com ajuste sazonal. (2) variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Na análise setorial interanual, o setor de Transportes registrou crescimento em todos os estados, com destaque para o Ceará (+7,3%), seguido por Pernambuco (+7,1%) e Bahia (+2,9%) o que é indício de uma possível expansão das atividades logísticas e de transporte na região. Nos Serviços prestados às famílias, a Bahia (+9,8%) e o Ceará (+9,3%) apresentaram altas expressivas, enquanto Pernambuco registrou queda de 3,3%. Nos Serviços de informação e comunicação, o Ceará liderou, com alta de 6,8%, seguido por Pernambuco (+4,8%), enquanto a Bahia registrou retração de 2,3%.



Já em relação ao Comércio, dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE de novembro/2024 revelam que o varejo nordestino seguiu a mesma tendência mensal observada no setor de serviços, com retrações generalizadas na maioria dos estados da região, refletindo a queda de 0,4% na média nacional. Apenas Alagoas apresentou crescimento (+0,8%), enquanto a Paraíba (-4,3%) e a Bahia (-2,5%) registraram as maiores quedas mensais no varejo regional. Em relação a novembro/2023, todos os estados nordestinos, exceto Maranhão, cresceram acima da média nacional.

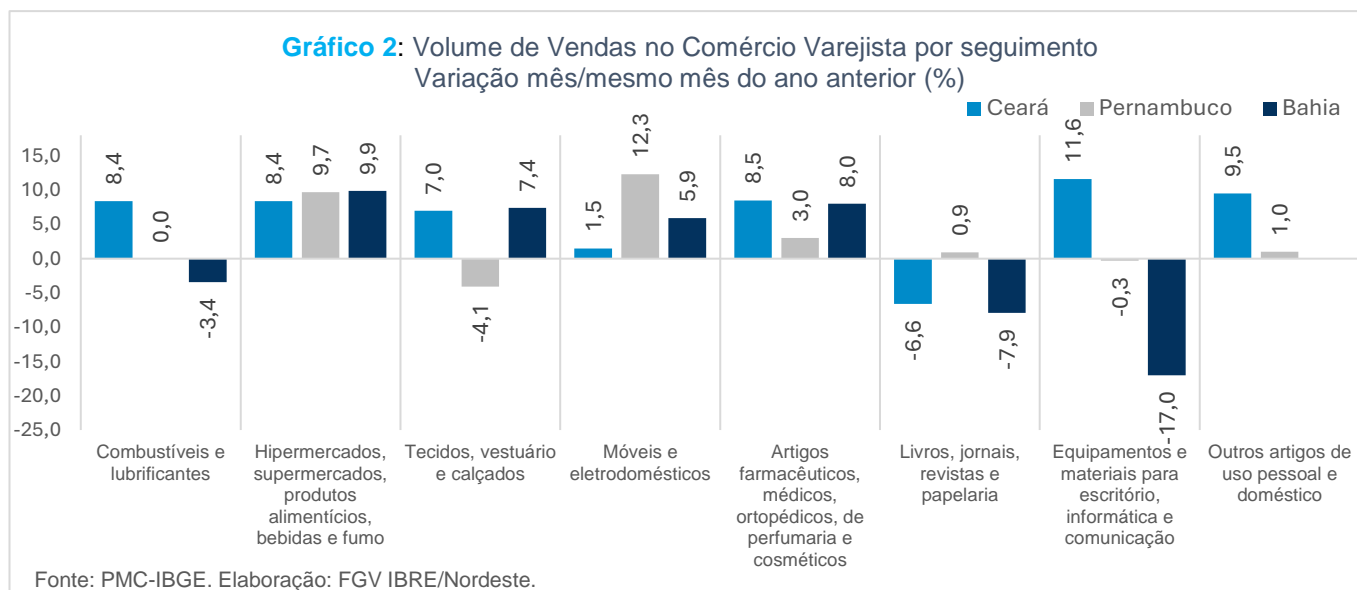
**Tabela 2: Desempenho do Comércio Varejista - novembro/2024**

UF	Var. Mensal <sup>(1)</sup>	Var. Mesmo mês <sup>(2)</sup>	Var. acum. ano	Var. acum. 12 meses
AL	▲ 0,8	▲ 10,0	▲ 7,3	▲ 7,0
BA	▼ 2,5	▲ 5,8	▲ 7,7	▲ 7,3
CE	▼ 0,7	▲ 7,9	▲ 8,2	▲ 8,0
MA	▼ 0,5	▲ 3,7	▲ 6,7	▲ 7,1
PB	▼ 4,3	▲ 7,5	▲ 12,3	▲ 10,0
PE	▼ 0,8	▲ 5,1	▲ 5,3	▲ 4,7
PI	▼ 0,7	▲ 7,3	▲ 6,9	▲ 6,4
RN	▼ 1,1	▲ 6,4	▲ 5,9	▲ 5,4
SE	▼ 2,1	▲ 6,2	▲ 6,0	▲ 5,4
<b>BR</b>	<b>▼ 0,4</b>	<b>▲ 4,7</b>	<b>▲ 5,0</b>	<b>▲ 4,6</b>

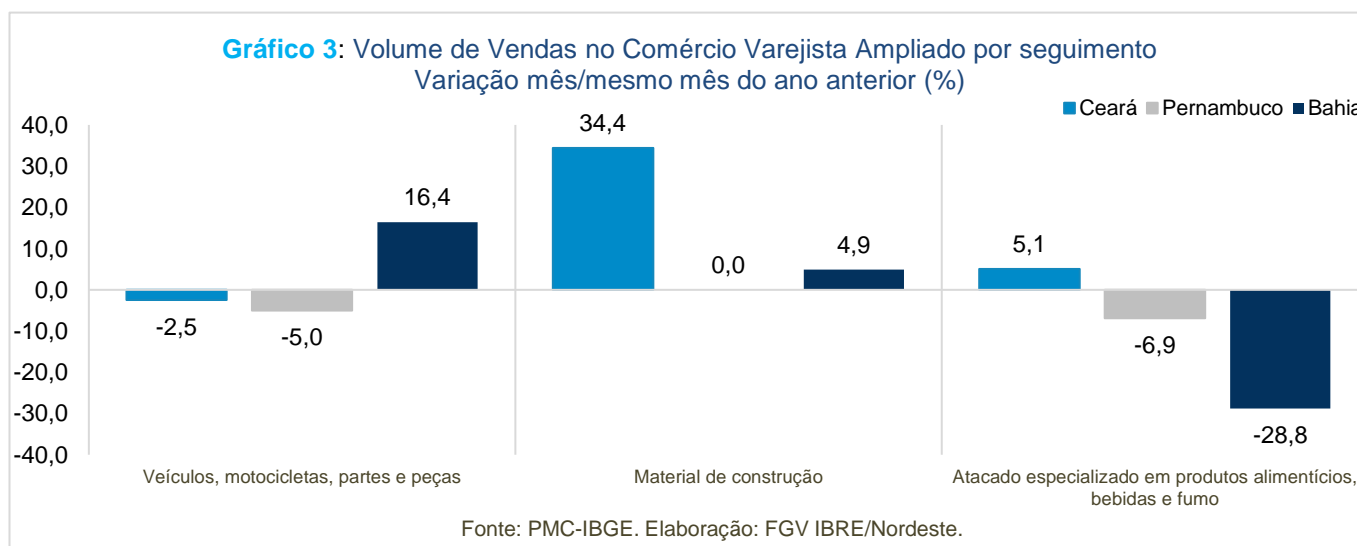
Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: FGV/IBRE Nordeste. Notas: (1): variação em relação ao mês anterior com ajuste sazonal. (2) variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.



Em relação aos segmentos, os artigos farmacêuticos, médicos e cosméticos continuam registrando aumentos nas vendas nos estados pesquisados. Os hipermercados e supermercados também apresentaram desempenhos robustos, com avanços de quase 10% na Bahia e 9,7% em Pernambuco. No setor de combustíveis, o Ceará foi o destaque positivo, com alta de 8,4%. No geral, os segmentos de móveis e eletrodomésticos também avançaram, enquanto artigos de papelaria continuam com dificuldades.



No comércio varejista ampliado, na comparação interanual, a Bahia manteve um bom desempenho no setor de veículos, registrando expressivo crescimento de 16,4%, dando continuidade ao resultado positivo observado em outubro. No segmento de materiais de construção, o Ceará se destacou novamente, liderando com notável avanço de 34,4%. Todavia, no setor de atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo, tanto Pernambuco quanto, especialmente, a Bahia enfrentaram quedas significativas.





## Mercado de Trabalho

*População ocupada no Nordeste cresce, com destaque para o mercado formal, mas informalidade segue acima de 50%.*

As principais estatísticas de mercado de trabalho na região Nordeste mostram evidências relativamente otimistas. Considerando os dados da PNAD Contínua, atualizados até o terceiro trimestre de 2024 (2024.T3), foi possível contabilizar uma redução de 2 p.p. na taxa de desocupação, passando de 10,9% em 2023.T3 para 8,7% no terceiro trimestre do ano passado. O indicador de nível de ocupação, que contabiliza o percentual de ocupados sobre a população considerada em idade para trabalhar (acima de 14 anos), aumentou de 48,5% para 50%, atingindo o maior percentual desde o último trimestre de 2015.

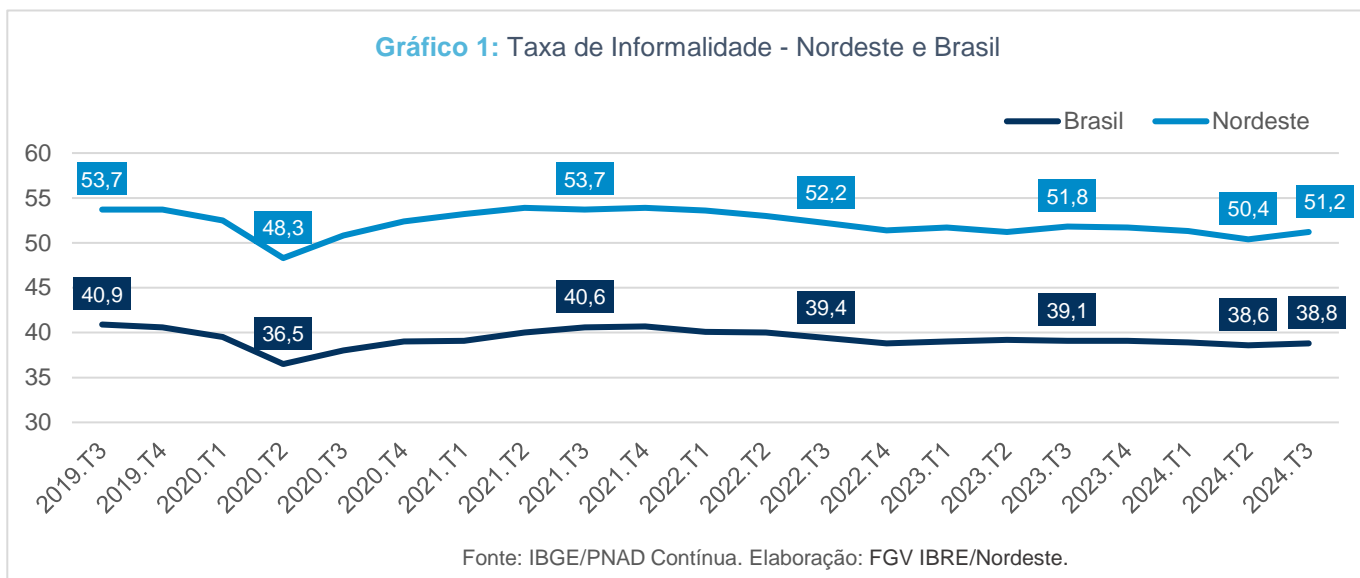
A população ocupada na região também apresentou crescimento significativo, alcançando 23,41 milhões de trabalhadores no terceiro trimestre de 2024 – um aumento de 2,5% em relação ao trimestre anterior (22,84 milhões) e de 4% na comparação com o terceiro trimestre de 2023 (22,51 milhões). Esse crescimento reflete expansões tanto no emprego formal quanto no informal. No último ano, o número de trabalhadores com vínculo formal aumentou 5,2%, passando de 10,86 milhões para 11,43 milhões. Já a ocupação informal cresceu em ritmo mais moderado, avançando 2,8%, de 11,66 milhões para 11,98 milhões de trabalhadores<sup>1</sup>.

Apesar dos avanços observados no nível de ocupação e no crescimento da população ocupada – com destaque para a ampliação do emprego formal –, a informalidade segue como um desafio estrutural significativo na região. No trimestre mais recente, a taxa de informalidade na região Nordeste foi estimada em 51,2%, representando quase 12 milhões de trabalhadores informais. Considerando a estimativa para o Brasil, a proporção de informais na população ocupada foi de 38,8%, correspondente a cerca de 40 milhões de trabalhadores informais.

O Gráfico 1 ilustra a trajetória recente da taxa de informalidade no Nordeste e realiza uma comparação com a estimativa nacional. As séries do gráfico abrangem os últimos cinco anos, permitindo observar as variações durante o período mais crítico da pandemia e o comportamento subsequente. Nota-se que a taxa de informalidade no Nordeste permanece sistematicamente acima de 50%, exceto no período mais impactado pela pandemia, e é consideravelmente superior à média nacional, que se manteve abaixo de 40% no mesmo intervalo.

---

<sup>1</sup> Para o cálculo da *proxy* de taxa de informalidade da população ocupada são considerados os empregados no setor privado sem carteira de trabalho assinada, os empregados domésticos sem carteira de trabalho assinada, os empregadores sem registro no CNPJ, os trabalhadores por conta própria sem registro no CNPJ e os trabalhadores familiares auxiliares.



De modo geral, os movimentos observados para o indicador em nível regional espelham os movimentos do indicador nacional, embora as mudanças regionais apresentem maior variabilidade. A taxa de informalidade no Nordeste apresentou redução de 0,6 ponto percentual (p.p.) em comparação com o mesmo trimestre de 2023 (51,8%), mas registrou aumento de 0,8 p.p. em relação ao trimestre anterior (50,4%). Para o Brasil, foi observada redução anual de 0,3 p.p. e um crescimento trimestral de 0,2 p.p.

Considerando as informações estaduais da região Nordeste, no último ano, dos nove estados, dois apresentaram aumento na taxa de informalidade: Paraíba (+0,6 p.p.) e Pernambuco (+0,9 p.p.). Por sua vez, no último trimestre, observou-se aumento na estimativa de informalidade em quase todos os estados, com destaque para a Bahia, cuja taxa cresceu 2,3 p.p.

O Maranhão apresentou a maior taxa de informalidade no terceiro trimestre de 2024, estimada em 55,6%, apesar da redução de 1,7 p.p. em relação ao mesmo trimestre de 2023. O Rio Grande do Norte, por outro lado, teve a menor taxa de informalidade, 41,6%, e registrou reduções significativas no último ano, com queda de 2,7 p.p. Informações detalhadas sobre todos os estados nordestinos podem ser consultadas na Tabela 1.

Em síntese, os resultados do mercado de trabalho no Nordeste sinalizaram um cenário positivo em 2024, com crescimento do nível de ocupação e, conforme apresentado em boletins anteriores, aumento na taxa de participação e redução na taxa de desocupação. Embora seja possível observar uma tendência suave de redução na taxa de informalidade nos últimos três anos, com base nas estimativas pontuais, deve-se considerar que o nível de informalidade na região é persistentemente elevado em relação à média do país, evidenciando um desafio estrutural para o mercado de trabalho na região.



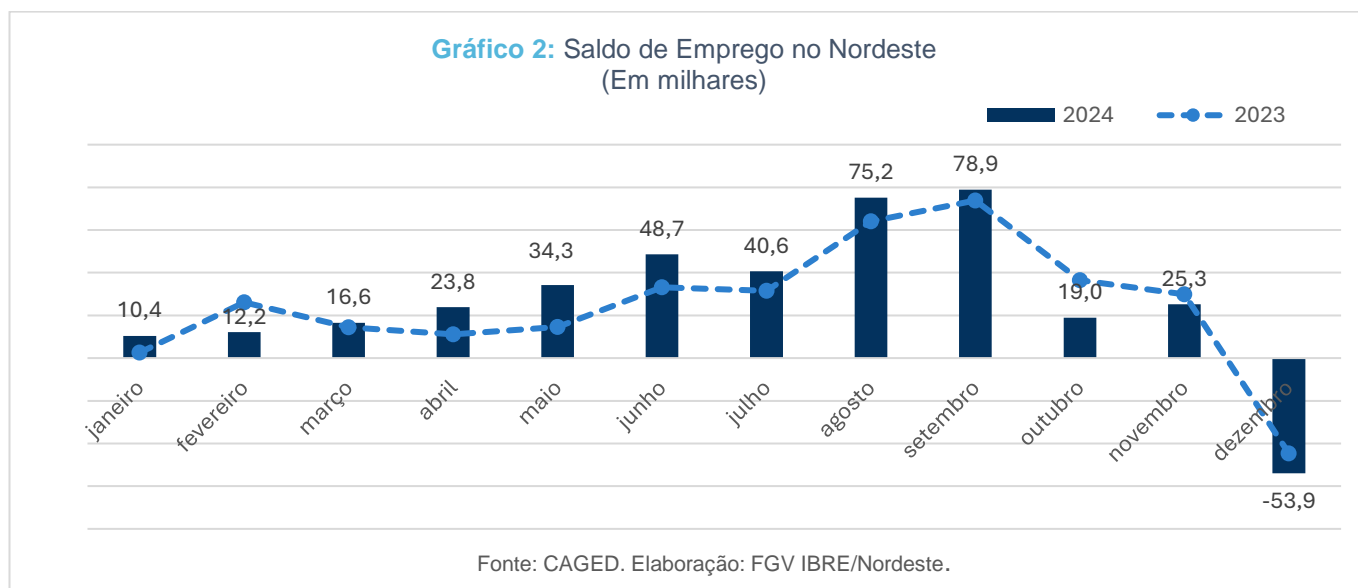
**Tabela 1:** Taxa de Informalidade no Nordeste – trimestres selecionados.

UF	3º trim 2023 (%)	2º trim 2024 (%)	3º trim 2024 (%)	Varição anual (p.p)	Varição trimestral (p.p)
AL	46.3	45.9	45.1	▼1,2	▼0,8
BA	52.1	49.4	51.7	▼0,4	▲2,3
CE	54.0	53.0	53.6	▼0,4	▲0,6
MA	57.3	55.7	55.6	▼1,7	▼0,1
PB	49.7	50.3	50.3	▲0,6	0,0
PE	49.1	49.9	50.0	▲0,9	▲0,1
PI	55.0	54.6	54.5	▼0,5	▼0,1
RN	44.3	41.3	41.6	▼2,7	▲0,3
SE	52.7	49.2	50.2	▼2,5	▲1,0
<b>NE</b>	<b>51.8</b>	<b>50.4</b>	<b>51.2</b>	<b>▼0,6</b>	<b>▲0,8</b>
<b>BR</b>	<b>39.1</b>	<b>38.6</b>	<b>38.8</b>	<b>▼0,3</b>	<b>▲0,2</b>

Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste.

Segundo os dados do CAGED, o saldo de empregos formais no Nordeste em dezembro/2024 foi negativo, com perda de 53,9 mil postos de trabalho. Apesar da queda no último mês do ano, o acumulado anual permaneceu positivo, totalizando 330,9 mil novas vagas formais na região, indicando um mercado de trabalho regional bastante aquecido em 2024. A Bahia liderou a geração de empregos ao longo do ano, com saldo positivo de 84,7 mil postos, seguida por Pernambuco (+62,2 mil) e Ceará (+56,2 mil), ambos mantendo crescimento no comparativo anual. Outros estados, como Paraíba (+27,6 mil), Rio Grande do Norte (+34,2 mil) e Sergipe (15,7 mil), também registraram expansão no acumulado do ano.

Mesmo com a desaceleração na criação de empregos formais no último mês de 2024, a trajetória anual indica resiliência no mercado de trabalho regional, com saldo positivo na maioria dos estados em comparação com o ano anterior.





**Tabela 2:** Saldo de Empregos no Nordeste - dezembro/2024

UF	Dezembro	Acumulado de 2024	Situação (em relação a dezembro/2023)	Situação (em relação ao acumulado 2023)
AL	-3.569	20.363	▼	▼
BA	-18.661	84.726	▼	▲
CE	-6.222	56.231	▼	▲
MA	-7.003	16.327	▼	▼
PB	-886	27.614	▲	▲
PE	-10.455	62.233	▼	▲
PI	-2.717	13.384	▲	▼
RN	-2.617	34.294	▲	▲
SE	-1.797	15.729	▼	▲
<b>NE</b>	<b>-53.927</b>	<b>330.901</b>	▼	▲
<b>BR</b>	<b>-535.547</b>	<b>1.693.673</b>	▼	▲

Fonte: CAGED. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste. \* série com ajuste



## Inflação

*O grupo Alimentação foi principal vilão dos preços nas cidades nordestinas em 2024*

Entre as cidades pesquisadas pelo IBGE, Salvador apresentou a maior variação mensal do IPCA em dezembro, com 0,89%, seguida por São Luís, que registrou 0,71%. No entanto, vale destacar que, no período, apenas Recife teve variação do IPCA inferior à média nacional.

**Tabela 1:** Inflação (IPCA) – dezembro/2024

UF	Var. Mensal
Fortaleza (CE)*	▲ 0,65
Recife (PE)*	▲ 0,34
Salvador (BA)*	▲ 0,89
São Luís (MA)	▲ 0,71
Aracaju (SE)	▲ 0,67
<b>BR</b>	<b>▲ 0,52</b>

Fonte: IBGE. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste. \*Região Metropolitana.

O grupo Alimentação e Bebidas apresentou alta generalizada em todas as capitais analisadas em dezembro. Salvador liderou o aumento na região, registrando alta de 1,46%, enquanto Aracaju teve a menor variação, com 1,02%. Além disso, Fortaleza (+1,17%), Recife (+1,18%) e São Luís (+1,37%) também apresentaram elevações significativas. Esses dados refletem a continuidade da pressão inflacionária nesse grupo, evidenciando impactos consistentes sobre o custo de vida na região.

Outro fator importante para o aumento do IPCA em dezembro de 2024 foi o grupo Transportes, que registrou alta significativa em quase todas as capitais analisadas. Salvador liderou a alta, com 2,44%, seguida por São Luís (+2,11%), Aracaju (+1,99%) e Fortaleza (+1,78%), todas acima da média nacional de 0,67%. Recife foi a única exceção, apresentando variação negativa, de -0,12%.

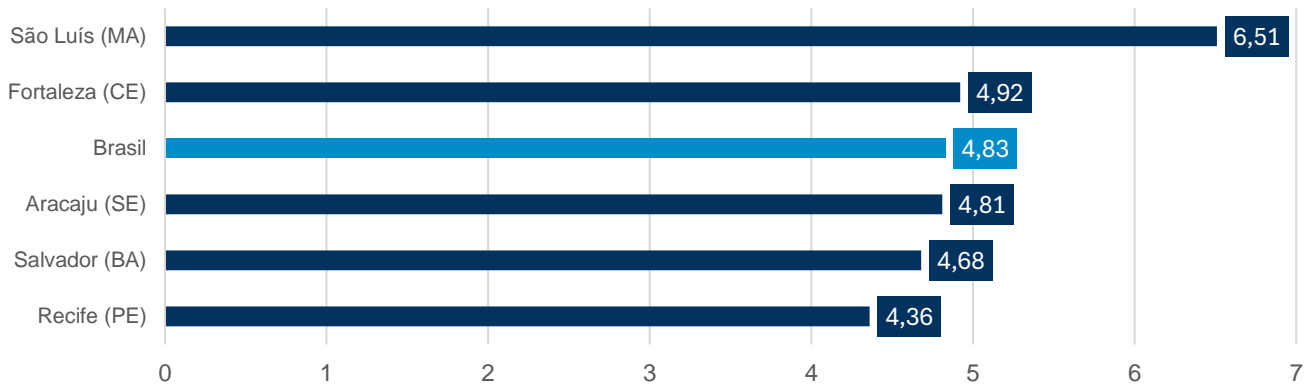
O grupo Habitação manteve a tendência de queda já observada no mês anterior, confirmando seu papel como o principal impacto negativo no índice. A redução foi generalizada em todo o Nordeste, novamente impulsionada pela expressiva queda nos preços da energia elétrica, conforme esperado devido à mudança na bandeira tarifária.

No acumulado de 2024, São Luís liderou as altas no IPCA, com 6,51% no ano, bem acima da média nacional de 4,83%. Fortaleza também superou a média nacional, registrando 4,92%. Por outro lado, Recife apresentou o menor acumulado anual, com 4,36%. Os impactos de cada grupo no índice acumulado estão destacados na tabela abaixo. Como esperado, o grupos Alimentação e Bebidas se destaca como o principal responsável pelo impacto no IPCA acumulado de forma geral, seguido por Saúde e Cuidados Pessoais e Transportes. O grupo Habitação também apresenta impactos relevantes, embora de forma mais pontual. No entanto, a redução acumulada nos preços da energia elétrica contribuiu para aliviar a pressão sobre os preços do grupo.





**Gráfico 1:** Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) - dez/2024  
Variação acumulada no ano (%)



Fonte: IBGE. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste.



## Comércio Exterior

*A expansão das importações amplia o déficit da região na comparação anual*

Em 2024, o saldo da balança comercial do Nordeste ficou negativo em US\$ 3,8 bilhões, com deterioração significativa de 92% em relação ao déficit de US\$ 1,9 bilhão registrado em 2023. Esse resultado foi influenciado pelo aumento de 6,6% nas importações, que totalizaram US\$ 28,6 bilhões, enquanto as exportações somaram US\$ 24,8 bilhões, com ligeira redução de 0,2% em comparação ao ano anterior.

Em comparação a 2023, a expansão das importações, especialmente na indústria extrativista, com aumento de 59,5%, foi impulsionada principalmente pela importação de óleos brutos de petróleo, minerais betuminosos crus e gás natural. Nas exportações, a indústria de transformação foi a única a registrar crescimento, com alta de 3,9%, devido ao aumento nas vendas de celulose, alumínio e açúcares.

Em dezembro/2024, as exportações caíram 18,6% em relação ao mesmo mês do ano anterior, totalizando US\$ 1,8 bilhão, enquanto as importações caíram apenas 1,0%, com US\$ 2,05 bilhões. O saldo mensal, que era positivo em dezembro de 2023 (superávit de US\$ 158 milhões), virou um déficit de US\$ 258 milhões em dezembro de 2024.

No acumulado do ano, o saldo positivo da agropecuária deve-se principalmente à exportação de soja, que representou 67,0% das vendas do setor, com a China sendo o maior comprador, adquirindo pouco mais da metade (52,5%) de toda a soja exportada. Já na indústria de transformação, a importação de óleos combustíveis e adubos ou fertilizantes, que compõem 39,3% das importações da região, foi um dos principais fatores do déficit. No setor extrativista, óleos brutos de petróleo, minerais betuminosos crus e gás natural representaram 89,5% das importações, explicando o saldo negativo do setor.

**Tabela 1:** Balança Comercial por Setor no Nordeste – Acumulado em 2024 (Em milhões)

Setor	Exportações (US\$ FOB)	Importações (US\$ FOB)	Saldo (US\$ FOB)
Agropecuária	8.220,35	1.014,25	▲ 7.206
Indústria de Transformação	15.062,01	22.306,84	▼ 7.245
Indústria Extrativa	1.519,01	5.323,91	▼ 3.805
Outros Produtos	45,00	12,24	▲ 33
<b>Total</b>	<b>24.846,36</b>	<b>28.657,24</b>	<b>▼ 3.811</b>

Fonte: COMEXSTAT-MDIC. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste.

Na análise por estados, a Bahia, mesmo com um saldo positivo de US\$ 1 bilhão, registrou queda de 62,6% em comparação a 2023, mantendo-se como o maior exportador e importador da região. No Maranhão, o saldo positivo cresceu 160,8% em relação a 2023, impulsionado pela redução de 18,1%



nas importações e o aumento de 2,1% nas exportações. O Piauí registrou saldo de US\$ 1,1 bilhão, uma redução de 2,2% em relação ao ano anterior.

O Ceará apresentou queda de 34,4% no saldo comercial na comparação anual, explicada pela redução de 27,8% nas exportações, mesmo com uma baixa de 5,6% nas importações. Em Pernambuco, o aumento de 4,7% nas importações e a redução de 3,7% das exportações foram decisivos para a deterioração do saldo, que recuou 8,3% em relação a 2023.

Além do Maranhão, o Rio Grande do Norte se destacou, com saldo positivo de US\$ 518,9 milhões, crescimento de 455% em relação a 2023, apesar de representar uma participação menor na balança comercial regional.

**Tabela 2:** Balança Comercial dos Estados – Acumulado em 2024 (Em milhões).

UF	Exportação (US\$ FOB)	Importação (US\$ FOB)	Saldo (US\$ FOB)
AL	900,83	865,60	▲35
BA	11.726,51	10.677,77	▲1.048
CE	1.468,71	2.982,77	▼1.514
MA	5.597,86	3.977,35	▲1.621
PB	162,73	1.450,58	▼1.288
PE	2.056,56	7.432,57	▼5.376
PI	1.397,50	277,78	▲1.120
RN	1.113,91	594,92	▲519
SE	421,76	397,89	▲24
<b>NE</b>	<b>24.846,36</b>	<b>28.657,24</b>	<b>▼3.811</b>

Fonte: COMEXSTAT-MDIC. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste.

Os principais parceiros comerciais do Nordeste em 2024 revelam uma concentração significativa tanto nas exportações quanto nas importações. A China consolidou-se como o maior destino das exportações da região, totalizando US\$ 5,9 bilhões e representando 23,77% do total exportado, seguida pelos Estados Unidos (11,19%) e Canadá (9,43%). Nas importações, os Estados Unidos lideraram com US\$ 6 bilhões, equivalente a 21,08% do total, seguidos de perto pela China, com US\$ 5,6 bilhões (19,43%), e pela Rússia (7,55%).



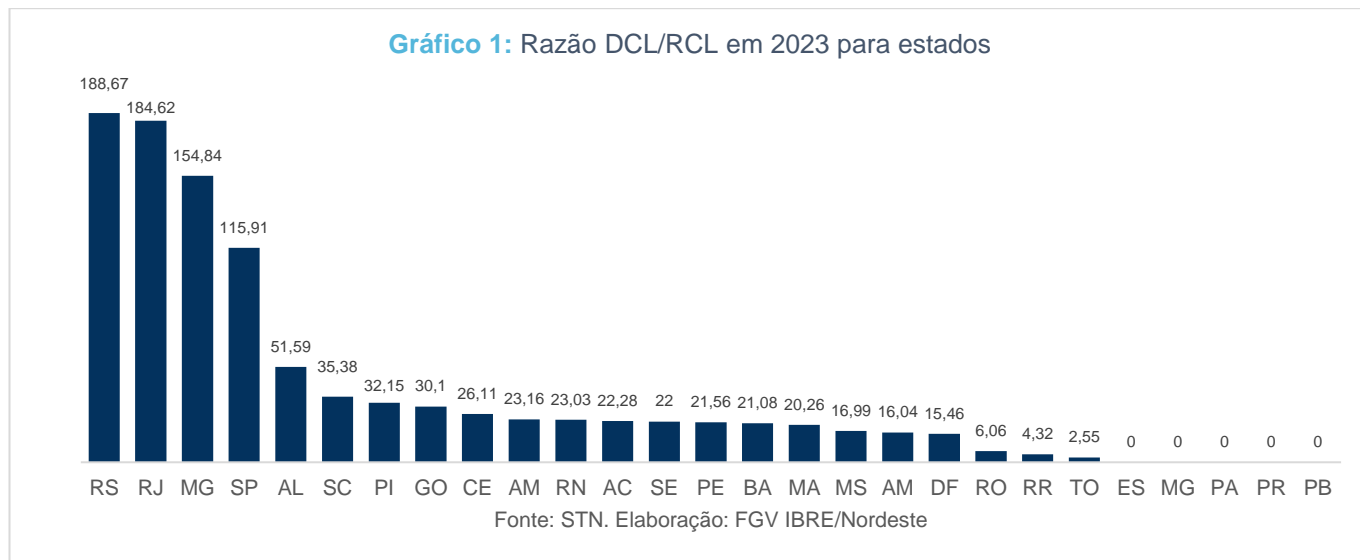
## Finanças Públicas

*Dívida dos estados nordestino e a Lei Complementar nº 212/2025*

No dia 13 de janeiro de 2025, foi assinada a Lei Complementar nº212/2025, que institui o Programa de Pleno Pagamento de Dívidas dos Estados (PROPAG). Segundo esse programa, os estados poderão revisar suas dívidas com a União, obtendo taxas de juros menores caso realizem a amortização do saldo devedor por meio de dois mecanismos principais: transferência de ativos estaduais para a União e/ou contribuição para a criação de um Fundo de Equalização Federativa; ou por investimentos em determinadas áreas, com destaque para a expansão da educação profissionalizante.

Assim, os estados que optarem por participar do PROPAG poderão acordar com a União qual o percentual de transferência de ativos, percentual de contribuição para o Fundo de Equalização e percentual de investimento em áreas específicas. A partir dessas definições, a alíquota da taxa de juros pode variar entre 0% e 2% a.a.

Para entender o rebatimento dessa medida sobre a dívida dos estados nordestinos, primeiramente, considere-se o gráfico 1, que apresenta, para o ano de 2023, a principal medida utilizada para caracterizar o grau de endividamento dos estados: a razão entre a dívida consolidada líquida<sup>2</sup> (DCL) sobre a receita corrente líquida do estado (RCL).



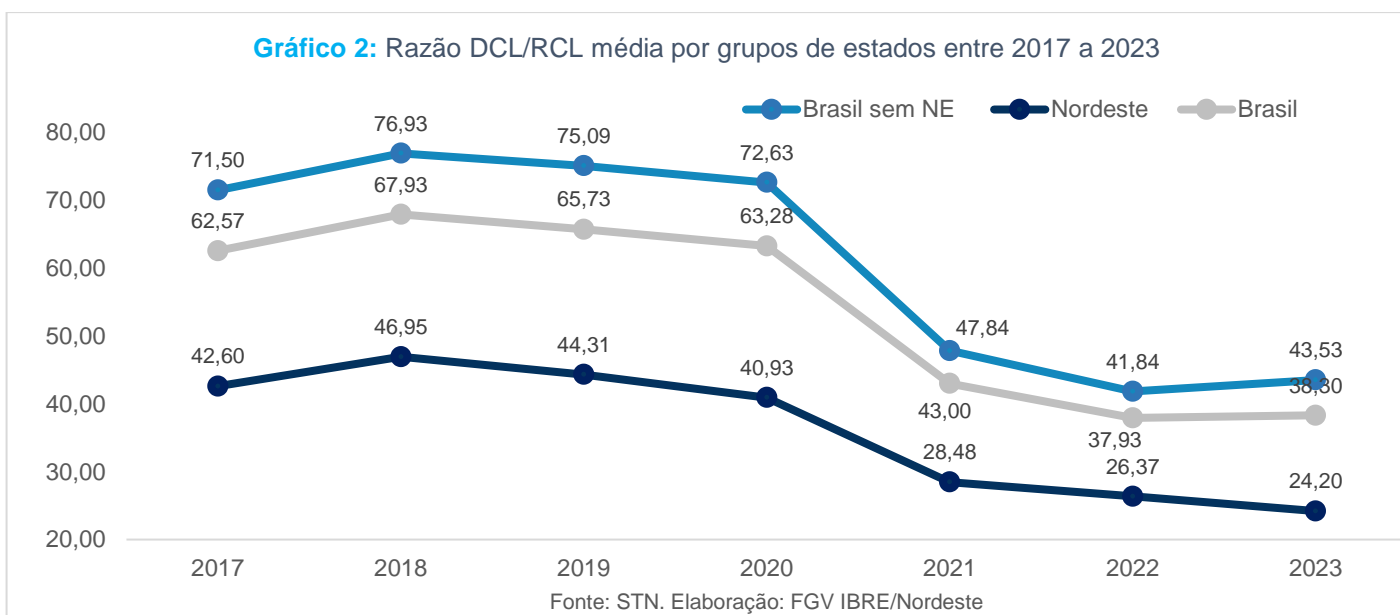
Observa-se do gráfico que os estados com maiores dívidas acumuladas são Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Por sua vez, o estado nordestino que tem maior endividamento em 2023, segundo esse critério, é Alagoas, com razão DCL/RCL de 51,59%. Assim, por esse gráfico inicial, nota-se que a LC 212/2025 possivelmente não foi desenhada para melhorar necessariamente o

<sup>2</sup> A Dívida Consolidada Líquida corresponde à Dívida Consolidada deduzidas das disponibilidades de caixa e dos demais haveres financeiros de cada ente federal.



problema fiscal com endividamento dos estados nordestinos, dado que esses, além de possuírem uma dívida pequena em relação a sua receita, ainda estão bastante distantes do limite legal de 200% de DCL em relação a RCL.

Analisando por uma perspectiva temporal, o gráfico 2 apresenta a evolução média da razão entre DCL/RCL, agregando os dados em três grupos: estados nordestinos (azul-escuro); demais estados brasileiros, sem o Nordeste (azul-claro); e todos os estados brasileiros (cinza). Observa-se que os estados de fora do Nordeste reduziram fortemente as suas dívidas durante a pandemia da COVID-19, que foi marcada por um excessivo aporte de recursos financeiros da União para os estados. Considerando a diferença percentual da dívida entre 2020 (pico da pandemia) e 2023, temos que: os estados nordestinos e os demais estados brasileiros, exceto os nordestinos, reduziram em 40% o valor da razão DCL/RCL. Porém, os quatro estados mais endividados (Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo) reduziram apenas em 29%. Dito de outra forma, a redução da dívida média dos estados brasileiros no período decorreu do esforço dos estados menos endividados.

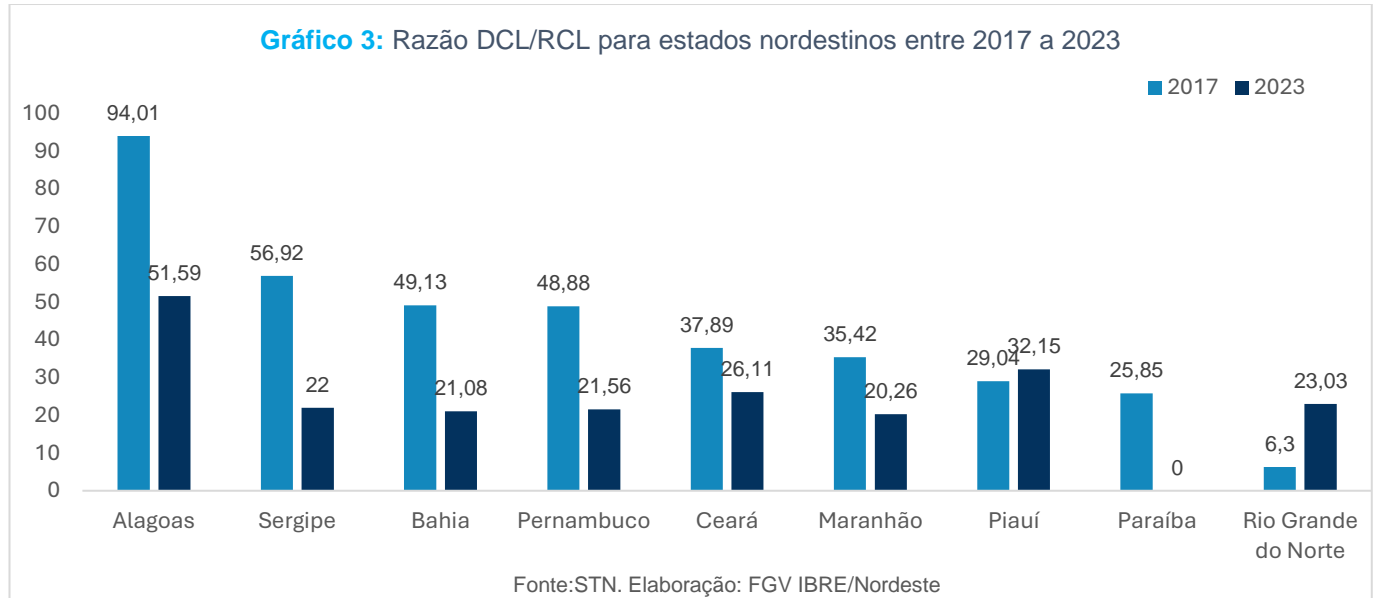


O gráfico 3 analisa a situação apenas dos estados nordestinos. Observa-se que, entre 2017 e 2023, todos os estados nordestinos reduziram sua razão DCL/RCL, com exceção de Piauí e Rio Grande do Norte, que aumentaram seu endividamento. No entanto, a dívida dos estados nordestinos é baixa em comparação aos outros estados brasileiros, principalmente em comparação a Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

Portanto, percebe-se que a LC 212/2025 não visa beneficiar necessariamente os estados nordestinos ou os demais estados do Brasil, com exceção de Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, os mais endividados. Ao final, a União arcará com um potencial acúmulo de dívida de R\$ 105 bilhões, segundo estimativa do próprio STN, a depender da forma como os estados decidam



se inserir no programa. Estados como os nordestinos, que controlam suas dívidas, contribuirão para pagar a revisão da dívida dos estados menos prudentes.





# NORDESTE EM FOCO

## Evolução Recente e Perfil dos Ocupados por Conta Própria no Nordeste

**Vitor Hugo Miro**

Professor da Universidade Federal do Ceará

Pesquisador do Centro de Estudos para o Desenvolvimento do Nordeste,  
do FGV IBRE



## Introdução

O objetivo deste texto é apresentar informações sobre o trabalho por conta própria no Nordeste. Inicialmente, faz-se uma contextualização desse segmento no mercado de trabalho da região em comparação com o cenário nacional recente. Em seguida, apresenta-se uma breve análise do perfil dos trabalhadores por conta própria no Nordeste.

A contextualização busca evidenciar a evolução da participação dos trabalhadores por conta própria na população ocupada. Nos últimos três anos, com a recuperação do mercado de trabalho após a pandemia, observa-se uma redução, tanto em termos absolutos quanto relativos, dessa posição de ocupação. Em uma perspectiva de longo prazo, considerando toda a série iniciada em 2012, verifica-se que a participação dos trabalhadores por conta própria aumentou no Brasil todo, enquanto na região Nordeste apresentou uma tendência de queda. Essa dinâmica diferenciada na região nordestina constitui um aspecto relevante para a análise.

A análise do perfil dos trabalhadores por conta própria visa complementar estudos anteriores, como os de Feijó (2022) e Campelo et al. (2024), que exploraram dados agregados e informações da Sondagem do Mercado de Trabalho realizada pelo FGV IBRE. Dada a especificidade da evolução dessa modalidade ocupacional no Nordeste, este texto busca contribuir com novas perspectivas e aprofundar o entendimento dessa dinâmica regional.

## Evolução do trabalho por conta própria no Nordeste frente ao contexto brasileiro

Nos últimos anos, o trabalho por conta própria ganhou atenção crescente nas análises sobre o mercado de trabalho brasileiro. Essa atenção se justificou pela maior representação dessa categoria de ocupação que, de acordo com dados da PNAD Contínua, no terceiro trimestre de 2024 (2024.T3), correspondia a mais de 25 milhões de pessoas, representando 24,6% da população ocupada no país. Essa proporção atingiu seu pico em 2021, com 27,1%, momento em que o mercado de trabalho ainda sofria os impactos da pandemia de Covid-19. Desde então, com a recuperação do mercado de trabalho nos últimos três anos, vem apresentando uma nova tendência de redução em todas as regiões.

Embora os indicadores dos últimos três anos apontem uma redução relativa do trabalho autônomo, em uma perspectiva de longo prazo, desde 2012, se observa que o trabalho por conta própria cresceu 1,7 ponto percentual (p.p.) no Brasil. Esse movimento foi observado nas regiões Centro-Oeste (+1,6 p.p.), Sul (+2 p.p.) e Sudeste (+4,7 p.p.). Na região Norte, se observa uma relativa estabilidade (-0,3 p.p.), e, no Nordeste, uma redução mais significativa, de 3 p.p..

No Nordeste, o foco desta análise, o número de trabalhadores por conta própria foi estimado em cerca de 6,3 milhões em 2024.T3, o que representa 26,9% da população ocupada da região (de 23,4 milhões). E, apesar da queda na participação ao longo dos anos, o Nordeste continua sendo a segunda

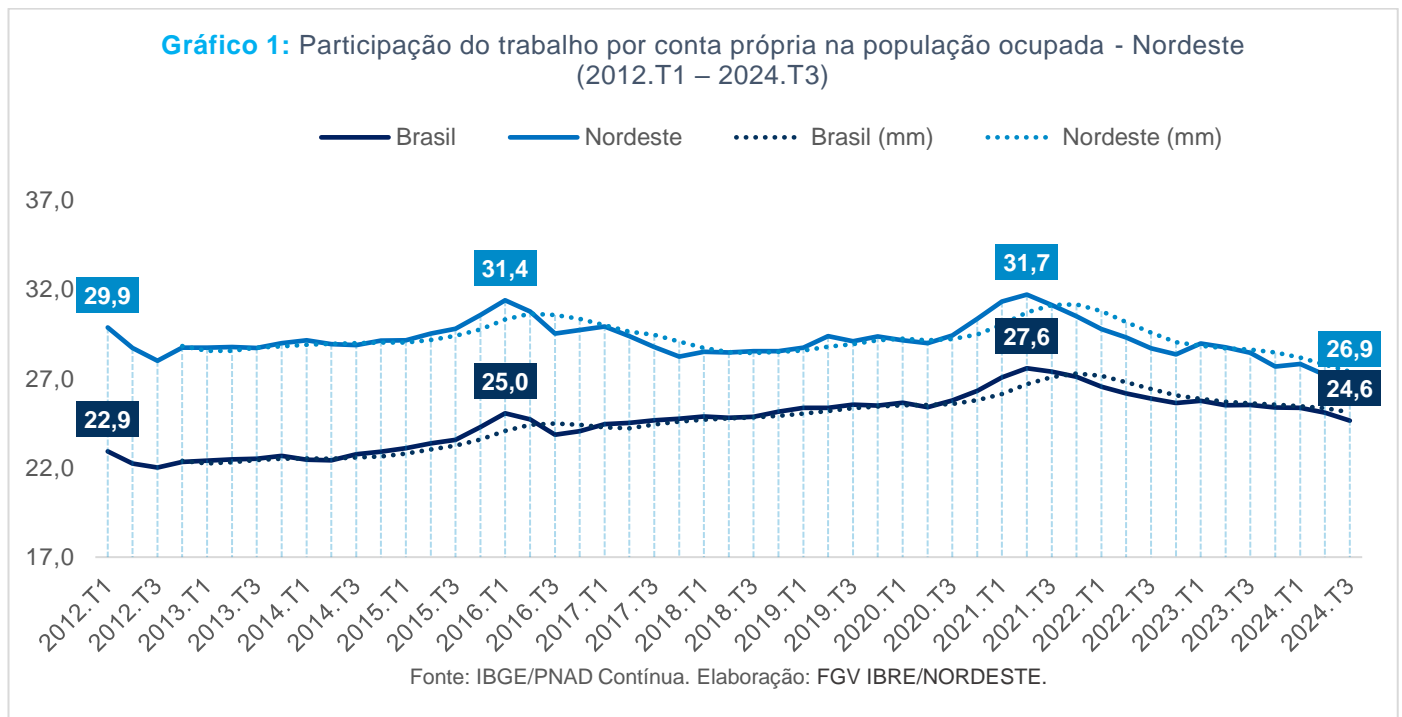




região com maior proporção de trabalhadores autônomos na população ocupada, ficando atrás apenas do Norte, cuja estimativa mais recente é de 28,9%.

Os dados da PNAD Contínua revelam que, além da tendência recente de redução, o trabalho por conta própria no Nordeste apresenta uma trajetória de longo prazo distinta do agregado nacional e das demais regiões, quando comparados os resultados mais recentes com o início da série. No primeiro trimestre de 2012, mais de 6,4 milhões de trabalhadores no Nordeste estavam nessa posição de ocupação em sua atividade principal, correspondendo a 29,9% da população ocupada da região. Em 2024.T3, esse número absoluto caiu para cerca de 6,3 milhões, representando 26,9% dos ocupados.

O Gráfico 1 abaixo apresenta a evolução da participação dos trabalhadores por conta própria na população ocupada no Nordeste e no Brasil, com estimativas pontuais e a média móvel anual (mm).



Neste gráfico, observa-se uma importante dinâmica das ocupações por conta própria. Em períodos recessivos, como 2015-2016 e 2020-2021, há aumentos na proporção de trabalhadores nessa posição, em detrimento da redução das demais posições, principalmente dos empregados no setor privado. Isso sugere que, em momentos de crise, o trabalho autônomo se torna uma alternativa para muitos trabalhadores que enfrentam o desemprego.

### Perfil dos trabalhadores por conta própria

A categoria "conta própria" é marcadamente heterogênea, sendo a distinção entre formalidade e informalidade uma das mais evidentes. Utilizando dados da PNAD Contínua, adotou-se um proxy de



informalidade já consolidada, que define como informais os trabalhadores por conta própria sem CNPJ. Essa distinção é fundamental para compreender as características dos dois grupos, suas motivações e sua inserção no mercado de trabalho. Enquanto o trabalho por conta própria pode ser uma alternativa ao desemprego em momentos adversos, para alguns indivíduos, ele reflete uma escolha deliberada em busca de maior autonomia e flexibilidade.

Na região Nordeste, 87% dos trabalhadores por conta própria eram informais em 2024.T3. Para fins de comparação, no Brasil, essa proporção era de 74,6% no mesmo período. É importante destacar que, embora a informalidade seja predominante, a participação dos trabalhadores por conta própria que optam por formalizar suas atividades vem crescendo ao longo do tempo. Em 2015.T4, primeiro trimestre em que é possível qualificar a informalidade dos trabalhadores por conta própria na PNAD Contínua, a proporção de informais no Nordeste nesse segmento era de aproximadamente 90%.

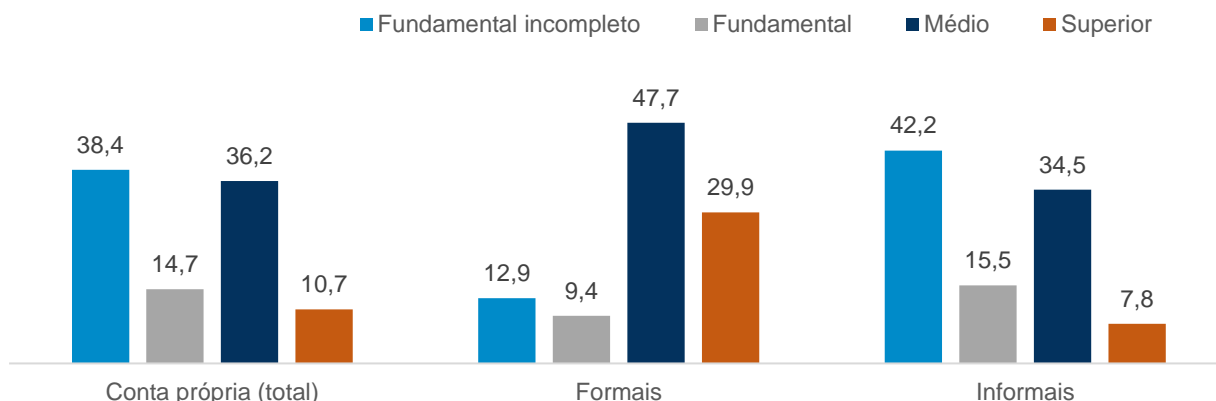
Nessa caracterização, a escolaridade é uma variável determinante na forma como os indivíduos se inserem no mercado de trabalho. Como esperado, a informalidade está mais associada aos trabalhadores com menor nível de instrução. Entre os trabalhadores por conta própria informais, 42,2% não haviam concluído o ensino fundamental, enquanto, entre os formais, essa proporção era de apenas 12,9%. Por outro lado, entre os formais, quase 30% tinham ensino superior completo, contra 7,8% entre os informais. O Gráfico 2 ilustra a distribuição dos trabalhadores por conta própria segundo o nível de escolaridade, discriminando os formais e informais.

Outras características importantes para compor o perfil dos trabalhadores por conta própria incluem sexo, cor/raça e faixa etária. A Tabela 1 apresenta essas informações detalhadas para os trabalhadores por conta própria no Nordeste.

Os dados revelam que 66% dos trabalhadores por conta própria são homens, sendo que essa diferença entre os gêneros é menos acentuada entre os formais. Em relação à cor declarada, pretos e pardos representam 75,5% do total de trabalhadores por conta própria, com maior concentração entre os informais (77,1%). Por sua vez, a distribuição por faixa etária reflete a própria composição da população ocupada, com diferenças mínimas entre formais e informais.



**Gráfico 2:** Distribuição dos trabalhadores por conta própria no Nordeste segundo nível de escolaridade – formais e informais (2024.T3)



**Tabela 1:** Características demográficas dos ocupados por conta própria no Nordeste (2024.T3)

		Conta própria (total)	Formais	Informais
Sexo	Homens	66,1	61,9	66,8
	Mulheres	33,9	38,1	33,2
Cor/raça	Branços	24,5	34,9	22,9
	Pretos e pardos	75,5	65,1	77,1
Grupo etário	15-24 anos	7,9	4,6	8,4
	25-34 anos	21,4	23,3	21,2
	35-49 anos	37,6	44	36,6
	50-64 anos	26,2	24,2	26,5
	65 anos ou mais	6,9	3,8	7,4

Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste.

Obviamente, essa forte heterogeneidade entre trabalhadores autônomos formais e informais se reflete na distribuição de rendimentos. Em 2024.T3, o rendimento mensal médio do trabalhador por conta própria no Nordeste foi estimado em R\$ 1.542. Entre os trabalhadores autônomos formais, o rendimento médio foi de R\$ 3.495/mês; enquanto para os informais a média foi calculada em R\$ 1.251/mês.

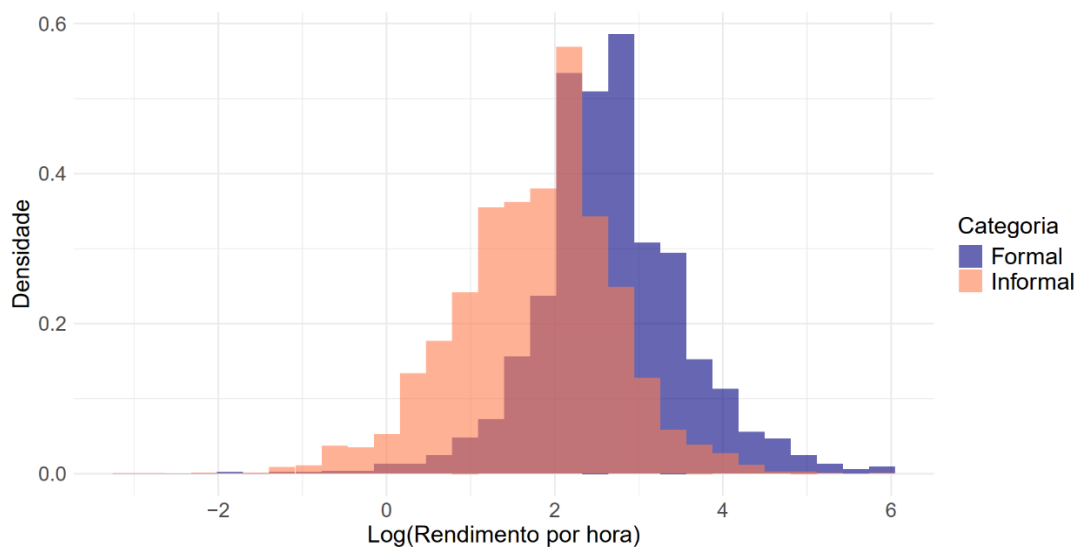
Ao verificar a jornada média de trabalho semanal, em termo de horas normalmente trabalhadas, os ocupados por conta própria reportaram uma média de 35 horas. Neste indicador também se verifica uma diferença relevante entre formais e informais. Entre os formais, a média é de 42 horas/semana e, entre os informais, 34 horas/semana. Considerando essa informação, optou-se por padronizar os



rendimentos por hora, possibilitando uma comparação mais adequada entre os dois grupos. A estimativa de rendimento por hora médio dos ocupados por conta própria é de R\$ 11,95, sendo, que entre os formais, é de R\$ 22,86 e, entre os informais, de R\$ 10,32.

O Gráfico 3 a seguir apresenta a distribuição desse indicador de rendimento por hora destacando as diferenças entre os formais e os informais. A visualização possui um caráter bastante didático ao não se restringir à informação a respeito da média, destacando que trabalhadores formais possuem maiores rendimentos com uma distribuição mais à direita.

**Gráfico 3:** Distribuição dos trabalhadores de rendimentos dos ocupados por conta própria (2024.T3)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste.

### Considerações finais

Como destacado ao longo deste texto, o perfil dos ocupados por conta própria é marcadamente heterogêneo. Essa diversidade não apenas reflete as diferentes realidades vivenciadas pelos trabalhadores autônomos, mas também apresenta desafios significativos para a formulação de políticas públicas.

A formalização é um aspecto central nesse debate. Identificar os fatores que incentivam ou dificultam a formalização é crucial para promover melhores condições ao empreendedorismo, aos ganhos de produtividade, à geração de novas ocupações e ao crescimento de renda.

Outro ponto relevante é a reação do trabalho por conta própria a fatores conjunturais. As oscilações na conjuntura econômica afetam diretamente a dinâmica dessa categoria. Estudar essas reações permite não apenas compreender melhor a função de "válvula de escape" do trabalho autônomo em períodos críticos, mas também identificar formas de estimular o potencial empreendedor e produtivo desses trabalhadores.

É importante reconhecer que o presente texto apresenta evidências, mas sem muita preocupação com resposta a muitas das questões que podem ser derivadas a partir delas. A proposta é um convite à



reflexão e à necessidade de investigações futuras, com vistas a compreender melhor a dinâmica do trabalho por conta própria e seu papel no mercado de trabalho brasileiro.

### Referências

FEIJÓ, Janaína. **Empreender para sobreviver: quem são os trabalhadores por conta própria?** Blog do IBRE, Rio de Janeiro, 3 jan. 2022. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/empreender-para-sobreviver-quem-sao-os-trabalhadores-por-conta-propria>.

CAMPELO, Aloisio; OLINTO, Roberto; TOBLER, Rodolpho; SIQUEIRA, Paloma. **Trabalhadores autônomos: quem são e o que pensam.** Blog do IBRE, Rio de Janeiro, 1 jul. 2024. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/trabalhadores-autonomos-quem-sao-e-o-que-pensam#:~:text=De%20acordo%20com%20os%20conceitos,ajuda%20de%20trabalhador%20familiar%20auxiliar>.

# Conheça o Centro de Estudos para desenvolvimento do Nordeste do FGV IBRE

Criado para fortalecer o desenvolvimento socioeconômico do Nordeste, o mais novo centro do FGV IBRE elabora estudos, análises e propostas estratégicas voltadas para a região. Com sede em Fortaleza, atua em parceria com empresas, governos, universidades e organizações para transformar conhecimento em soluções que impulsionem o bem-estar da população nordestina.

**Acompanhe nossos estudos em:**  
**[www.portaibre.fgv.br/nordeste](http://www.portaibre.fgv.br/nordeste)**





Instituição de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, criada em 20 de dezembro de 1944, como pessoa jurídica de direito privado, tem por finalidade atuar no âmbito das Ciências Sociais, particularmente Economia e Administração, bem como contribuir para a proteção ambiental e o desenvolvimento sustentável.

Praia de Botafogo, 190 – CEP 22250-900 – Rio de Janeiro – RJ  
Caixa Postal 62.591 – CEP 22257-970 – Tel.: (21) 3799-4747

**Primeiro Presidente e Fundador:** Luiz Simões Lopes  
**Presidente:** Carlos Ivan Simonsen Leal

**Vice-presidentes:** Clovis José Daudt Darrigue de Faro, Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque

#### Conselho Diretor

**Presidente:** Carlos Ivan Simonsen Leal

**Vice-presidentes:** Clovis José Daudt Darrigue de Faro, Marcos Cintra Cavalcanti de Albuquerque  
**Vogais:** Ary Oswaldo Mattos Filho, Carlos Alberto Pires de Carvalho e Albuquerque, Cristiano Buarque Franco Neto, José Ermírio de Moraes Neto, José Luiz Miranda, Lindolpho de Carvalho Dias, Marcílio Marques Moreira, Roberto Paulo Cezar de Andrade

**Suplentes:** Aldo Floris, Alexandre Koch Torres de Assis, Almirante Luiz Guilherme Sá de Gusmão, Antonio Monteiro de Castro Filho, Carlos Eduardo de Freitas, Gilberto Duarte Prado, José Carlos Schmidt Murta Ribeiro, Marcelo José Basílio de Souza Marinho

#### Conselho Curador

**Presidente:** João Alfredo Dias Lins (Presidente em exercício)

**Vice-presidente:** João Alfredo Dias Lins (Klabin Irmãos & Cia)

**Vogais:** Antonio Alberto Gouvea Vieira, Eduardo M. Krieger, Estado da Bahia, Estado de Minas Gerais, Estado do Rio de Janeiro, Estado do Rio Grande do Sul, Federação Brasileira de Bancos (Isaac Sidney Menezes Ferreira), General Sergio Westphalen Etchegoyen, IRB – Brasil Resseguros S.A. (Antônio Cássio dos Santos), João Alfredo Dias Lins (representante da Klabin Irmãos & Cia), Luiz Carlos Piva, Luiz Ildefonso Simões Lopes, Luiz Roberto do Nascimento e Silva, Marcelo Serfaty, Marcio João de Andrade Fortes, Maria Tereza Leme Fleury, Miguel Pachá, Pedro Henrique Mariani Bittencourt, Ricardo Oberlander, Sindicato das Empresas de Seguros Privados, de Resseguros e de Capitalização nos Estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo (Ronaldo Mendonça Vilela)

**Suplentes:** Almirante Petronio Augusto Siqueira de Aguiar, Alvaro Toubes Prata, Carlos Hamilton Vasconcelos Araújo, Guilherme Ary Plonski, Heloi José Fernandes Moreira, Istvan Karoly Kasznar, Leila Maria Carrilo Cavalcante Ribeiro Mariano, Nilson Teixeira, Raphael José de Oliveira Barreto, Sandoval Carneiro Junior, Tenente Brigadeiro-do-Ar Jeferson Domingues de Freitas

#### Instituto Brasileiro de Economia

**Diretor:** Luiz Guilherme Schymura de Oliveira

**Vice-diretor:** Vagner Laerte Ardeo

#### Superintendência de Estatísticas Públicas:

Aloisio Campelo Junior

#### Superintendência de Infraestrutura e Mercados Globais:

Túlio Barbosa

#### Superintendência de Inovação:

Vagner Laerte Ardeo

#### Superintendência de Pesquisa, Dados e Operação:

André Lavinias

#### Superintendência de Publicações:

Claudio Roberto Gomes Conceição

#### Superintendência de Gestão Estratégica e Organizacional:

Joana Braconi



## Coordenação do Centro de Estudos para o Desenvolvimento do Nordeste

Flávio Ataliba Barreto

## Coordenação Geral e Técnica do Boletim Macro Regional

Isadora Gonçalves Costa Osterno

## Equipe Permanente

João Mário Santos de França

Rafael Barros Barbosa

Vitor Hugo Miro

## Assistente de Pesquisa

Thiago de Araújo Freitas

## Revisão Editorial

Fernando Dantas

## Editoria de Arte

Vanessa Grisolia

#### Advertência:

As manifestações expressas por integrantes dos quadros da Fundação Getúlio Vargas, nas quais constem a sua identificação como tais, em artigos e entrevistas publicados nos meios de comunicação em geral, representam exclusivamente as opiniões dos seus autores e não, necessariamente, a posição institucional da FGV. Este Boletim foi elaborado com base em estudos internos e utilizando dados e análises produzidos pelo IBRE e outros de conhecimento público com informações atualizadas até 17 de janeiro de 2025. O Boletim é direcionado para clientes e investidores profissionais, não podendo o IBRE ser responsabilizado por qualquer perda direta ou indiretamente derivada do seu uso ou do seu conteúdo. Não pode ser reproduzido, distribuído ou publicado por qualquer pessoa, para quaisquer fins.



Dúvidas, fale conosco pelo e-mail:

[ibre@fgv.br](mailto:ibre@fgv.br)



ACESSE O **FGV IBRE** NAS REDES SOCIAIS:

